

ESFORÇADOS E BARULHENTOS

Independentes mostram o ar da graça

Por Marcos Lauro - marcoshlauro@uol.com.br

Música e performance sempre correram lado a lado, especialmente no Rock 'n' Roll. De Little Richard com seu Duck Walk (ou "Dança do Patinho", traduzido e atualizado), passando pelo Glam Rock dos anos 70, vindo para o Brasil com Secos & Molhados e chegando até os dias atuais com Marilyn Manson e Daniel Belleza e Os Corações em Fúria (só pra citar um gringo que acabou de passar pelo Brasil e um nacional que faz sucesso no underground), muito se rebolou e muitos rostos foram pintados mundo afora. Hoje foi a vez do festival "Independência ou Morte, outros caminhos da música brasileira" dar voz a duas bandas brasileiras que tem o bom humor e a performance como marcas. E o show de uma banda cujo vocalista entra engatinhando e com o rosto pintado, no mínimo, promete ser interessante.

O Grito apresentou algumas músicas de seu primeiro CD, Urbe Incandescida. O vocalista Marko Concá não pára um segundo no palco. Cheio de caras e bocas, interpreta as músicas usando o seu corpo também como um instrumento. Desce do palco, chama a platéia para dançar, volta para o palco, desce de novo... O show tem alguns momentos mais relax, reflexivos, mas na maioria do tempo o que chega para a platéia é um som convidativo e cheio de energia. As duas últimas músicas tiveram a participação de Kid Vinil nos vocais. "South American Way",

de Carmen Miranda e "Água de Pano de Chão", música do próximo clipe da banda, fecharam o show d'O Grito, banda que conta também com os músicos Rafael Ferrari (baixo e contra-baixo acústico), Rodrigo Bragança (guitarra) e Rogério Bastos (baterista, também curador do festival).

Um cara que tem no currículo Os Mulheres Negras e o Karnak, além da sua carreira solo, não poderia ficar de fora de um dia destinado ao humor/performance. André Abujamra, Sergio Villaça e Marcelo Effori, baixista e baterista do Los Pirata (outra banda que caberia perfeitamente nessa data) formam o Gork, banda de rock 'n' roll direto, sujo, barulhento e, por isso, de muita qualidade. Entraram no palco e, sem pronunciar uma palavra, mandaram quatro músicas na seqüência, sem tempo nem para os aplausos de praxe entre os sons. Uma platéia (atônita?) viu Abujamra se portar no palco como um Jack Black ensandecido, Villaça pular de um lado pro outro com seu baixo e Effori socar sua bateria, como se fosse a bateria de brinquedo que ele usa quando está tocando com o Los Pirata. As letras seguem a tradição Mulheres Negras/Karnak de trocadilhos e jogos de palavras. "A raça humana/arrasa



Drika Barbosa

O descamisado Andre Abujamra

o mano" é um exemplo. Com as duas bandas no palco, mais Kid Vinil, mandaram uma versão barulhenta e anárquica de "Universo Umbigo", clássico do já citado Karnak.

Na saída do show, dois senhores (entre os seus 60 anos) conversavam:

- Bom o show, não?
- Sim. Barulheira, mas bom...
- Meninos esforçados, tocam bem. Muita energia...
- Sim, bastante. Se eu pular daquele jeito que pularam, me quebro no meio...

"Independência ou morte? – outros caminhos da música brasileira" vai até o dia 23 de outubro. Confira a programação completa em bb.com.br/cultura – CCBB São Paulo. 